



RACISMO NO ENSINO DE ANATOMIA HUMANA NA MEDICINA DO SÉCULO XXI

Luana dos Anjos Ramos¹

Universidade Federal de Mato Grosso

Maria Janeth Mosquera Becerra²

Universidad del Valle, Escuela de Salud Pública

Eliana Goldfarb Cyrino³

Universidade Estadual de São Paulo- Faculdade de Medicina

Resumo: Neste ensaio discute-se sobre o racismo ainda presente no ensino anatômico da formação médica. Nossa tese é de que o ensino de Anatomia Humana para medicina, no Brasil, está centrado em um único biotipo, masculino e branco. Assim, não considera a diversidade humana e ainda reproduz o racismo, pois é baseado no modelo de Homem Universal e, ainda explora corpos negros em aulas práticas no século XXI. Para sustentar esta tese argumentamos sobre: o apagamento da influência africana da história da anatomia; o uso predominante de corpos negros; a hegemonia branca como padrão universal de Anatomia Humana; o uso persistente de termos como “raça” no material didático; a ausência de anatomistas negros na academia. Apresenta-se a crítica ao modelo de ensino de anatomia ofertado na formação médica, tendo em vista a diversidade de corpos em nossa sociedade.

Palavras-Chave: Anatomia; Educação de graduação em medicina; Iniquidades raciais; Racismo; Educação em saúde

RACISM IN THE TEACHING OF HUMAN ANATOMY IN 21ST CENTURY MEDICINE

¹ Fisioterapeuta. Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso- Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças/MT. Pós-doutorado em Saúde Coletiva (FMB-UNESP) Email: luana.ramos@ufmt.br. ORCID: 0000-0002-2754-7722

² Trabajadora Social, Máster en Servicio Social, Master en Epidemiología, PhD en Sociología. Universidad del Valle, Escuela de Salud Pública, Professora Titular. Médica E-mail: janeth.mosquera@correounivalle.edu.co. ORCID: 0000-0001-9516-7011

³ Médica. Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. E-mail: eliana.goldfarb@unesp.br. ORCID: 0000-0002-6526-3528



Abstract: The authors of this essay discuss the racism that still persists in the teaching of anatomy in medical training in these early years of the 21st century. Our thesis is that the teaching of human anatomy in medical schools in Brazil is centred on a single biotype – male and white – whilst continuing to use Black bodies in practical classes without consent. As such, it fails to take human diversity into account and perpetuates racism, as it is based on the model of the 'Universal Man'. To support this thesis, we discuss: the erasure of African influence from the history of anatomy; the predominant use of Black bodies, even today; white hegemony as the universal standard for Human Anatomy; the persistent use of terms such as 'race' in teaching materials; and the absence of Black anatomists in academia. We present a critique of the anatomy teaching model offered in medical training, taking into account the diversity of bodies in our society.

Keywords: Anatomy; Undergraduate medical education; Racial inequities; Racism; Health education

RACISMO EN LA ENSEÑANZA DE LA ANATOMÍA HUMANA EN LA MEDICINA DEL SIGLO XXI

Resumen: En este ensayo se analiza el racismo que sigue presente en la enseñanza de la anatomía en la formación médica, en estos primeros años del siglo XXI. Nuestra tesis es que la enseñanza de la anatomía humana en la carrera de medicina, en Brasil, se centra en un único biotipo, masculino y blanco, al tiempo que sigue utilizando cuerpos negros en las clases prácticas sin su consentimiento. De este modo, no tiene en cuenta la diversidad humana y sigue reproduciendo el racismo, ya que se basa en el modelo del «hombre universal». Para sustentar esta tesis, argumentamos sobre: el borrado de la influencia africana en la historia de la anatomía; el uso predominante de cuerpos negros, aún hoy en día; la hegemonía blanca como estándar universal de la anatomía humana; el uso aún persistente de términos como «raza» en el material didáctico; y la ausencia de anatomistas negros en el ámbito académico. Se presenta una crítica al modelo de enseñanza de la anatomía que se imparte en la formación médica, teniendo en cuenta la diversidad de cuerpos en nuestra sociedad.

Palabras-clave: Anatomía; Educación de licenciatura en medicina; Desigualdades raciales; Racismo; Educación en salud

RACISME DANS L'ENSEIGNEMENT DE L'ANATOMIE HUMAINE EN MÉDECINE AU XXI^e SIÈCLE

Résumé: Les auteurs de cet essai abordent la question du racisme encore présent dans l'enseignement de l'anatomie au sein de la formation médicale, en ce début de XXI^e siècle. Notre thèse est que l'enseignement de l'anatomie



humaine en médecine, au Brésil, est centré sur un seul biotype, masculin et blanc, tout en continuant à exploiter des corps noirs lors des cours pratiques, sans leur consentement. Ainsi, il ne tient pas compte de la diversité humaine et reproduit encore le racisme, car il repose sur le modèle de l'Homme universel. Pour étayer cette thèse, nous abordons les points suivants : l'effacement de l'influence africaine dans l'histoire de l'anatomie ; l'utilisation prédominante de corps noirs, encore aujourd'hui ; l'hégémonie blanche en tant que norme universelle de l'anatomie humaine ; l'utilisation encore persistante de termes tels que « race » dans le matériel pédagogique ; l'absence d'anatomistes noirs dans le milieu universitaire. Nous présentons ici une critique du modèle d'enseignement de l'anatomie proposé dans la formation médicale, en tenant compte de la diversité des corps au sein de notre société.

Mots-clés: Anatomie; Formation médicale de premier cycle; Inégalités raciales; Racisme; Éducation à la santé

INTRODUÇÃO

A formação de trabalhadoras e trabalhadores da saúde ainda segue o mesmo modelo estabelecido nos anos iniciais do século XX, a partir das proposições apontadas por Flexner, em seu relatório sobre as escolas de medicina nos Estados Unidos (FLEXNER, 1913; PAGLIOSA & DA ROS, 2008, p.492). Esta padronização do modelo de ensino médico se estendeu por vários países, incluindo o Brasil (ALMEIDA FILHO, 2014, p. 2531). Nesta proposta pedagógica, a Anatomia Humana vem se estabelecendo como disciplina dos anos iniciais da formação, o que, em certa medida, contribui como um guia no perfil profissional moldado (CLOSS e colab., 2020, p. 216).

A partir da década de 1980 e início do século XXI o modelo de formação médica, extremamente tradicional, hospitalocêntrico e biologicista, passa a ser questionado por não responder às novas exigências em relação ao processo de aprendizado no ensino superior (ALMEIDA, e colab., 2022, p. 1; CINTRA, 2017). Métodos interativos, nos quais tecnologias da informação e comunicação e a saúde digital passam a ter um papel cada vez mais importante, apontam a necessidade de reforma dos cursos de graduação na saúde e, particularmente,



na formação médica. Neste contexto, o modelo de ensino da formação em anatomia passa a ser questionado como uma disciplina ministrada de forma fragmentada, com metodologia tradicional e centrada no professor (MATTAR & AGUIAR, 2018, p. 404).

Apesar das mudanças ocorridas, com os programas de doações de corpos, reprodução em 3D de corpos humanos (AGBETOBA e colab., 2017, p. 143; EROĞLU e colab., 2023, p. 962), faz-se necessário ressaltar, os esforços em modificar a ementa e pedagogia desta disciplina para as graduações na saúde, incluindo referências africanas para o debate em sala, como nos apresenta Ribeiro (2022).

De acordo com Bersani (2018), se biologicamente se refuta a existência de raças baseando-se em estudos genéticos, o racismo estrutural, enquanto metáfora desse campo do saber, corresponde ao DNA do Brasil, pois, se encontra nas mais diversas relações estabelecidas. Mesmo em suas dimensões subjetivas, acaba por influenciar na autopercepção de pessoas negras e está presente em situações do cotidiano (ARRUDA, 2021, p. 493). Este viés alicerça a reprodução do olhar inferiorizado das instituições sobre pessoas negras, dificultando o acesso a postos de trabalho e ascensão social, em especial nas profissões da saúde (BATISTA & BARROS, 2017, p. 1).

A disciplina de Anatomia Humana, na formação médica, não leva em conta a diversidade humana. Pelo contrário, esse ensino ainda reproduz uma formação racista e excludente, uma vez que considera apenas um só tipo físico como corpo universal. Ainda assim, o racismo presente no ensino de anatomia humana para as formações na saúde precisa ser explicitado, reconhecido e criticado, se buscamos mudanças nas formações na área da saúde.

A ideia de corpo universal, definido como o ideal regulatório racial ao parâmetro branco por Tatiane Muniz, permeia a crítica deste ensaio, que representa no campo de estudo explorado o racismo científico como estrutura



de opressão das instituições formadoras, como bem discorre em suas obras Cida Bento e Silvio Almeida (ALMEIDA, 2019; BENTO, 2021)

São estes paradigmas sociais que mantêm o ensino de Anatomia Humana, a formação em saúde e o meio acadêmico, como reprodutores do olhar colonizador. Com base nesta premissa, neste ensaio sustenta a tese de que *O ensino de Anatomia Humana para medicina no Brasil está centrado em um único biotipo, masculino e branco, enquanto ainda explora corpos negros em aulas práticas*. Baseando-se neste entendimento, essa tese é defendida a partir dos argumentos apresentados a seguir.

A HISTÓRIA DO ENSINO DA ANATOMIA HUMANA TEM SIDO CONTADA SOB UM ÚNICO OLHAR: O EUROPEU

Para falar do ensino de anatomia, antes se faz necessário abordar o princípio dos estudos anatômicos que norteiam o conhecimento passado adiante, para que se entenda as bases para esta argumentação. Estas bases versam sobre o berço do conhecimento anatômico ser de fato o Egito e não a Grécia, como preconiza a Europa, de onde vêm os anatomistas que primeiro ensinaram nas escolas médicas brasileiras. Além desse apagamento, também há a escolha em não reconhecer o conhecimento anatômico aplicado à prática clínica na África, já em tempos pré-colonização. Por fim, nesta argumentação reafirmamos o desenvolvimento de técnicas de preparação de peças anatômicas cujos princípios ainda são reproduzidos.

No livro “Anatomia” de Gardner Gray O’Rahilly, a influência egípcia está resumida a esta frase: “A anatomia da Grécia teve sua origem no Egito”. E segue elencando importantes anatomistas da Grécia, com datas e nomes, sem ao menos mencionar, quais foram as primeiras descrições anatômicas feitas no Egito e quem as realizou (GARDNER, GRAY & O’RAHILLY, 1988). O Grego Hipócrates, considerado um dos fundadores da ciência anatômica, na verdade



se baseou nos registros em papiros deixados pelo célebre egípcio *Imhotep*. Cerca de 3 mil anos antes da Era Cristã (-2900 a -2280), ele já realizava descrições anatômicas (MOKHTAR, 2010). Longe de haver um desconhecimento, há um apagamento de fato. Embora a civilização moderna tenha atribuído todo conhecimento à Grécia Antiga, o estudo científico oficial do corpo humano remonta a épocas anteriores, ainda no Egito Antigo.

Como observou Lázaro Cunha “As grandes distorções históricas a respeito do legado cultural e científico dos povos africanos e afrodescendentes resultam, principalmente, da predominância do eurocentrismo na história oficial” (CUNHA, 2010). A história do ensino de anatomia humana também sofreu essas distorções, uma vez que se opta por considerar a Grécia como berço do conhecimento anatômico ocidental.

Em terras brasileiras, esta distorção se mantém como uma tentativa de aproximação do que era considerado mundo civilizado. A história registra o uso do conhecimento africano e também indígena pela medicina iniciante do século XVIII e XIX. No entanto, enquanto os sistemas de cura asiáticos são reconhecidos e estudados, os sistemas próprios de povos indígenas e africanos foram amplamente aplicados e absorvidos pela medicina ocidental, sem os devidos créditos (PEREIRA, 2023, p. 254). Práticas usuais na África pré-colonial como a palpação de regiões do corpo humano afetadas pelo adoecimento fazia parte da consulta para diagnóstico (PEREIRA, 2023, p. 254), o que remete ao conhecimento da anatomia topográfica das estruturas.

Na publicação de Breasted (1930), *Surgical Papyrus*, encontramos a transcrição de procedimentos médicos realizados em cerca de 48 casos clínicos, no Egito. As transcrições e comentários apresentam conhecimento bastante aprofundado sobre os referenciais anatômicos implicados. Possivelmente proveniente dos protocolos para aplicar a técnica de mumificação (BREASTED, 1930) no Egito Antigo, que por si só mereceria um capítulo à parte.



A fixação e conservação de corpos realizada por este povo africano, permitiu o acesso ao conhecimento da Anatomia Humana, possibilitando a exposição e estudo ainda nos tempos atuais de corpos mumificados (FELISBINO & CARVALHO SOUZA, 2023, p. 536). Para alguns autores, a mumificação se baseava apenas em ritos religiosos, mas o estudo de Felisbino e Carvalho Souza (2023) sobre os princípios químicos por trás do processo de mumificação e a acurácia da técnica, permite entender que havia um estudo aprofundado da preparação de peças anatômicas para a obtenção de resultado tão duradouro. O uso do sal, que já era empregado nesta técnica por exemplo, é ainda hoje uma alternativa ao formaldeído como fixador e conservante de peças (MARTINS-COSTA e colab., 2022, p. 740). O não reconhecimento dessa importante contribuição nos faz pensar em um apagamento do conhecimento produzido em solo africano.

No livro “Legado Roubado”, George James discorre sobre ser a África do Norte (Egito) o berço da filosofia grega. Ampliando o olhar, é possível reconhecer que muito mais do que apenas a filosofia grega tenha se baseado nos Antigos Egípcios (JAMES, 1954), como demonstramos acima. Existe um vasto legado que permanece invisibilizado, a partir da Idade Média, quando a Grécia é tomada como referência.

Neste sentido, é possível afirmar que a história da anatomia tem sido, de fato, contada sob um único olhar, que apagou o conhecimento africano pré-colonial da história anatômica ensinada até os dias atuais. Esse apagamento importa, considerando que a Anatomia Humana é uma das bases da formação médica, e fornece os parâmetros sobre os quais os futuros profissionais constroem seu entendimento sobre os corpos humanos saudáveis (ALMEIDA, 2022; CINTRA, 2017). Ocultar a influência africana na construção do conhecimento anatômico ocidental, determina desde o início da formação médica o enfoque que se quer dar à mesma. Esta ausência se repete ao longo do curso de graduação e mesmo diante do paciente (SILVA & SILVA,



2024), esses profissionais, ao atuarem na formação de novos profissionais seguem tendo como referência uma história anatômica embranquecida.

O MAL USO DO TERMO “RAÇA” NO ENSINO TEÓRICO DE ANATOMIA HUMANA

Este é um ponto bastante importante e representativo do quando esta discussão é inédita no ensino de anatomia. Desde 1950, a biologia não reconhece raça como categoria biológica para seres humanos (MUNIZ, 2019, p. 28). A partir do projeto Genoma Humano sabe-se que as variações dentro da espécie humana são mínimas (99,9 % da genética humana não se modifica entre as diferentes populações), havendo assim uma única raça, a humana, com polimorfismos que distinguem grupos populacionais discretos (KOENTGES, 2008, p. 658; LANGER-GOULD, 2024, p 9; MUNIZ, 2019, p. 28). E a etnia, envolvendo costumes e questões culturais (língua, território, religião, etc.), não aplicáveis à biologia (DI FABIO & ISQUERDO, 2022, p. e0706; SANTOS e colab., 2010, p. 121).

O estudo de Anatomia Humana e outras ciências básicas da medicina, no entanto, frequentemente empregam o termo “raça” para descrever suscetibilidades a doenças ou diferenças anátomo-fisiológicas, legitimando uma construção social e política, como uma categoria biológica fundamental, apesar do consenso científico de que a variação genética humana não se alinha com as categorias raciais.

A evidência que corrobora este argumento no ensino de anatomia, pode ser observada nos livros didáticos de Anatomia Humana, usados nas ementas. Ao abordar, ainda na introdução à disciplina, as variações anatômicas, variações “étnico-raciais” ainda são listadas. Um dos livros mais usados na disciplina, Dangelo e Fattini (2007), cita “raça” entre as variações anatômicas, como as relacionadas à faixa etária e gênero. Também podemos citar o livro texto “Anatomia Humana” de Van De Graaff (2023), que em sua 6ª edição ainda



considera “grupo racial” como variação anatômica entre *Homo sapiens*, apresentando uma figura com as “principais raças humanas”. Aqui citamos esses, por não haver um estudo no Brasil que tenha analisado o racismo nos livros didáticos utilizados nesta disciplina.

No entanto, estudos realizados nos Estados Unidos e no Canadá, demonstraram uma sub-representação de corpos diversos nas imagens de livros-textos e atlas de anatomia humana. Por outro lado, esses mesmos estudos ainda trazem a palavra “raça” ao se referir às variações biológicas. Esses autores consideram a representação de “pessoas de cor” (termo usado nesses países) adequada para a população local (onde a população negra é menos de 20%), embora pessoas pretas quase não estejam presentes nas imagens, considerando não apenas livros de anatomia, mas de outras disciplinas básicas de medicina (MERELLI, 2023; BERRESHEIM e colab., 2024, p. 1055; LOUIE & WILKES, 2018, p. 38).

Se os livros didáticos colocam os corpos negros como uma variação, tendo os corpos brancos como padrão e referência, a prática clínica irá espelhar esse aprendizado, que se estende por toda a graduação e confirma o viés racista da sociedade (ANDRADE e colab., 2013, p. 218; BORRET e colab., 2020, p. 2255; CORREA, 2022, p. 295; MAIO, 1995, p. 226).

Ekanayake-Weber (2024) propõe além de treinamento pedagógico para professores de anatomia, uma reorganização da disciplina incluindo no currículo mais informações sobre variações anatômicas, diferenças culturais e história da anatomia (EKANAYAKE-WEBER, 2024, p. 26). Seja de forma explícita ou implícita a mensagem é passada e reafirma o que socialmente também se insiste em estabelecer.



O CORPO DE REFERÊNCIA À FORMAÇÃO MÉDICA É HISTORICAMENTE HOMOGÊNEO

Para além do uso de termos ultrapassados, aqui afirmamos que o material didático para o ensino de Anatomia Humana, toma como referência de anatomia padrão, corpos masculinos e brancos. Os modelos anatômicos apresentados nos livros didáticos de Anatomia Humana, com seus textos-guias e ilustrações clássicas têm se baseado predominantemente em corpos de indivíduos brancos, o que leva à invisibilidade das variações anatômicas possíveis.

Diversos Atlas de Anatomia contêm ilustrações de corpos brancos reproduzidos em fotos e desenhos ilustrativos (GORDON, 2024), que podem ser facilmente acessados ainda hoje, para comprovar o que afirmamos. Logo, essas imagens em livros teóricos dão a entender que o corpo humano a ser considerado como padrão anatômico de “normalidade” deve ter predominantemente características da população branca (BERRESHEIM e colab., 2024, p. 1055; LOUIE & WILKES, 2018, p. 38; SILVÉRIO & MOTOKANE, 2019, p. 26).

Para exemplificar, o nariz adequado deve, em suas formas, ser afilado e adunco (PATEL & MOST, 2020, p. 195; ROMO & ABRAHAM, 2003, p. 269), excluindo outras possibilidades. O globo ocular tido como parâmetro para o estudo morfométrico é predominante de pessoas brancas e qualquer achado diferente deste, é descrito como variação anatômica, que não representa uma referência de outro padrão possível (BLAKE e colab., 2003, p. 9), como descrito em pleno século XXI. Estes estudos, embora ainda como artigos, em breve estarão em livros didáticos, formando uma ideia de Anatomia Humana possível distante do que predomina na população brasileira, impactando muito a prática clínica.

Neste sentido, o resultado deste aprendizado “brancocentrado”, ainda nos primeiros anos de formação médica, pode ser observado também na atual



banalização dos procedimentos como harmonização facial, que têm como padrão estético a beleza grega (BUELLER, 2018, p. 458; PATEL & MOST, 2020, p. 195; SANDS & ADAMSON, 2014, p. 93; WEEKS & THOMAS, 2014, p. 337). Profissionais que se especializam e fazem residência nesta área, reproduzem em seu olhar para o paciente, o padrão aprendido nos livros (JARRIN, 2011, p. 64). Ainda aqui o resultado da história oficial contada sobre o passado.

Concomitantemente, ainda deve-se salientar que os médicos formados no Brasil, saem das universidades preparados para tratar corpos brancos, muitas vezes irreais, e se deparam com o fenótipo explicitamente miscigenado e diverso (MATOS & TOURINHO, 2018, p. 1; SCHWARCZ, 1994, p. 137). Esta situação também pode ser observada no ensino médico no continente africano. Mas não passa despercebida por um estudante de medicina, Chidiebere Ibe, da Nigéria. Ele, sentindo falta de ilustrações mais próximas de sua realidade, começa a desenhar as próprias ilustrações e com isso ganha reconhecimento internacional, dando início à uma mudança ainda incipiente, mas que aponta para a necessária possibilidade de um Atlas de Anatomia Humana com corpos diversos (MERELLI, 2023). Esta iniciativa de Ibe é aplicada às ciências básicas como um todo, mas soma-se aos esforços do site *Black in anatomy* (blackinanatomy.org), que divulga ilustrações anatômicas que têm como referência pessoas negras.

Ainda assim, o corpo tido como universal, permanece homogêneo, masculino e branco, estabelecendo o que é anatomicamente aceitável, e qualquer desvio deste padrão, ainda é descrito como exótico (LOTIERZO & SCHWARCZ, 2013). Isso se alinha ao conceito de currículo oculto bem explorado por Kanashiro (2026), em “O que a medicina ensina quando não ensina medicina”.

No começo do século passado, estudos anatômicos - já contestados e invalidados – contribuíram com o “racismo científico”, que pode muitas vezes sustentar este currículo oculto. Esses estudos afirmavam que homens brancos



possuíam medidas cranianas, maiores que mulheres brancas, que por sua vez tinham medidas maiores que de homens negros e esses se sobressaíam quando comparados às mulheres negras. Esta pesquisa apresenta um viés claro, quando realiza as medidas em indivíduos de diferentes estaturas. Infelizmente aqui, vemos um estudo anatômico fornecer argumentos falsos que embasam muitas teorias eugenistas e misóginas (RUSHTON, 1997, p. 169), corroborando com o fato de mulheres negras ainda serem a base da pirâmide social e econômica (ORTOLANI e colab., 2021).

Além disso, estudos do século XX - como os de Lombroso (DE CARVALHO, 2014), descrevem, sem bases científicas, que as características anatômicas encontradas em homens negros são associadas a uma genética que justificariam uma falsa propensão à criminalidade e brutalidade. Dito assim com essas palavras, essas afirmações parecem absurdas, como de fato são. Mas ainda hoje no subconsciente comum, a visão racializada dos corpos humanos se pauta de forma paradigmática no ensino da Anatomia Humana (NUNES & GONÇALVES, 2014, p. 36), a partir de fundamentações errôneas.

Neste mesmo sentido, no último século Nina Rodrigues reproduziu as ideias eugenistas e higienistas europeias, descrevendo a anatomia de homens negros como propensa ao crime e a violência, dando bases racistas para a criminologia e medicina legal (DE CARVALHO, 2014; MAIO, 1995, p. 226; MONTEIRO, 2020, p. 193). Em paralelo, Alfonso Bovero forma seu conhecimento anatômico na Alemanha Pré-Guerra, onde os pensamentos de raça pura ariana culminaram nos horrores da 2ª Guerra Mundial. Ele traz para o Brasil este mesmo eugenismo, forma e fomenta a escola anatômica e o movimento eugenista paulista, do início do século XX. Sua forma de ensinar a anatomia humana e suas ideias foram e são reproduzidas até os tempos atuais por gerações de anatomistas que se espalharam pelo país (CLOSS e colab., 2020, p. 216), incluindo essa que vos escreve, a autora principal deste ensaio, em sua prática como professora de Anatomia Humana.



Nestes últimos achados vemos o impacto social do conhecimento anatômico baseado em pseudociência. A anatomia estudada e ensinada transpassa os laboratórios de anatomia e propaga para sociedade uma ideia de si mesma que em nada reflete a diversidade populacional em território brasileiro.

Pode-se afirmar que se formam médicos despreparados para a realidade clínica brasileira, o que resulta em um distanciamento médico-paciente (NOVA e colab., 2000), como discutido por Da Nova e colaboradores, o corpo negro continua sendo visto como objeto; e como consequência, pessoas negras recebem atendimento médico diferente do ofertado aos pacientes brancos (BORRET e colab., 2020, p. 2255); os profissionais, possivelmente, por não terem sido apresentados à outras possibilidades anatômicas tomam como desvio do padrão e indício de processos patológicos o que é apenas uma característica anatômica. São realizadas condutas e prescrições baseadas em estudos realizados em populações brancas que não reconhecem a diversidade brasileira, e assim pode se obter resultados fora do esperado (CABRAL e colab., 2022, p. e133; MATOS & TOURINHO, 2018, p. 1), quando aplicados a realidade brasileira.

Apresentar o estereótipo do homem branco cisgênero como “norma” anatômica, implica em ver todos os outros corpos como variações deste. EKANAYAKE-WEBER (2024) entende que nos Estados Unidos a anatomia é a porta de entrada da formação profissional, contribuindo muito com a perpetuação de um viés racista, por excluir o referencial negro do conteúdo anatômico. No Brasil também encontramos o mesmo cenário, o que nos faz entender que a reorganização do currículo e o treinamento para os docentes da disciplina, como sugerido por esse autor, também se aplicaria a nossa realidade.



A ANATOMIA HUMANA ENSINADA NA PRÁTICA ESTEVE E ESTÁ ATRELADA AO USO DE CORPOS DE PESSOAS NEGRAS

É reconhecido na literatura que o ensino de anatomia em cadáveres humanos dissecados foi proibido ao longo de toda a Idade Média. No período renascentista, a dissecação em humanos para fins didáticos passa a ser aceita, desde que realizada em criminosos condenados e aqueles que vinham ao óbito nas Santas Casas (LIMA & KURY, 2011; PONTINHA & SOEIRO, 2014, p. 165; RODRIGUES & FIOLHAIS, 2013, p. 435).

No Brasil, por volta do século XVIII e XIX, essas mesmas instituições atendiam a população pobre, os negros libertos e os escravizados, e também serviam ao modelo de formação médica vigente à época, realizada à beira do leito. Assim, reproduzindo o modelo importado e imposto, os óbitos ocorridos nestas instituições serviam para o ensino anatômico (CLOSS e colab., 2020, p. 216; REIS, 2022), desde que realizado em negros libertos e escravizados (LIMA & KURY, 2011; REIS, 2022; SUMNER e colab., 2022, p. 772). Há registros destas mesmas práticas nos Estados Unidos, onde também ocorreu a violação de túmulos para a venda destes corpos de pessoas negras às instituições de ensino, segundo Sumner e colaboradores (SUMNER e colab., 2022, p. 772).

Esta prática não questionada se institucionaliza de tal forma ao longo do tempo que, do início do XX até por volta da década de 1990, o Sanatório de Barbacena é mantido pelo poder público para tratar a princípio da saúde mental da população. Mas acaba reconhecido como um local com condições insalubres, onde são registrados inúmeros óbitos diariamente. Com o acúmulo de cadáveres, a solução encontrada foi a venda de corpos – por cerca de 50 anos- às universidades brasileiras (ARBEX, 2021; MATOS-DE-SOUZA & MEDRADO, 2021, p. 164). O comércio desses corpos, predominantemente de pessoas negras, dados como indigentes, torna-se público no que foi descrito como “Holocausto Brasileiro” no livro de Daniela Arbex (2021), em uma



analogia ao ocorrido durante a II Guerra Mundial (e após) com corpos de judeus na Alemanha nazista (HILDEBRANDT, 2009 a p. 883, b p. 894, c p. 906; HILDEBRANDT, 2012, p. 251; TOLEDANO, 2016, p. 128). Mediante denúncias das barbaridades ocorridas nesta instituição, a legislação, a partir da década de 1990, passa a regular o uso de corpos humanos para ensino e pesquisa com maior rigor (MELO & PINHEIRO, 2010, p. 315).

Mesmo assim, ainda hoje, como revelado pelo audiovisual em “M8 - quando a morte socorre a vida” (DA-SILVA e colab., 2023, p. 1421; SILVA, 2021), o primeiro contato com corpos humanos nas aulas práticas de anatomia, se faz em corpos de pessoas negras. Neste cenário, não é de se estranhar que os primeiros ingressantes de medicina, por cotas (pessoas pretas, pardas e indígenas), tenham se atentado e se incomodado com essa realidade. Ver a si mesmo nas bancadas dos laboratórios de anatomia revelou-se como uma experiência extremamente marcante e de sofrimento, assim como o reconhecimento de, ao olhar para os seus professores, não se ver representado (SENKEVICS; MELLO, 2019, p. 184; SOUSA e colab., 2021, p. 13). Estes mesmos estudantes passam a se organizar em Coletivos Negros, e um dos resultados foi a cerimônia em homenagem ao cadáver negro ocorrido no curso de medicina da UNICAMP (DIREITOSHUMANOS.UNICAMP, 2022), certamente um marco à crítica do ensino prático de Anatomia Humana nas escolas médicas.

Ainda sobre a predominância de cadáveres negros nas bancadas de dissecação, o impacto emocional deste primeiro contato (desconsiderado e ignorado pela maioria dos professores de anatomia), faz, ainda hoje, com que muitos estudantes se distanciem emocionalmente para conseguirem seguir com os estudos (BASTOS & BRITO, 2024; KRUSE, 2003). Este afastamento emocional reverbera no início da prática médica, quando os estudantes se deparam com seus primeiros pacientes negros - muito diferentes dos modelos de simulação em laboratórios de práticas e dos livros (BASTOS & BRITO, 2024;



OCEL e colab., 2003, p. 526), mas semelhantes aos cadáveres das práticas anatômicas.

Considerando que este primeiro contato ocorre muitas vezes dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), este viés impacta a saúde coletiva e diretamente a saúde da população negra, maioria nestes espaços como paciente e não como profissional médico, como é explorado no estudo de Silva e colaboradores (2024b).

Corpos negros são considerados “descartáveis”, e seu uso como material de estudo prático, é predominante ainda hoje. O cadáver que hoje é dissecado pelo(a) médico(a) em formação, “molda” emocionalmente a relação médico(a)-paciente negro. Este pode ser visto como um indivíduo passivo, sujeito a experimentações de novas técnicas e tratamentos, mesmo sem consentimento.

UM CORPO DOCENTE E CIENTÍFICO EMBRANQUECIDO

Esta última argumentação se volta para os anatomistas que estudam e ensinam nas escolas médicas, em grande parte homens brancos, e neste movimento entende-se por que até o momento a anatomia não tenha se atentado para esses paradigmas. Se faz necessário discorrer sobre os perigos e riscos que se tem em um único ponto de vista na Anatomia Humana e sua influência na formação médica biologicista (COOKE e colab., 2006, p. 1339; KOCH e colab., 2022, p. 8369).

Nas sociedades representativas de classe no campo anatômico, bem como em sala de aula, ainda vemos uma branquitude predominante, o que reforça o caráter excludente do ensino para os estudantes de medicina. Se na bancada, a maioria são corpos de pessoas negras, nos bancos universitários e nas formações acadêmicas de professor de anatomia, o padrão é de pessoas brancas (DA-SILVA e colab., 2023, p. 1421; LIMA & KURY, 2011; TALAMONI; BERTOLLI FILHO, 2014, p. 1301). O filme “M8- Quando a Morte Socorre a Vida”



também traz esta reflexão de forma explícita e nas entrelinhas. Com as recentes leis que estabelecem cotas universitárias aos estudantes pobres de escolas públicas, e a partir destas vagas, uma percentagem de cotas PPI's, a paisagem das universidades públicas, onde o curso de medicina continua sendo muito disputado, tem se modificado lentamente (WICKBOLD & SIQUEIRA, 2018, p. 83; FREDRICH e colab., 2022, p. e210677; SOUZA e colab., 2020, p. e90). Nas universidades particulares, onde esta formação ainda representa um alto custo, inalcançável pela maioria da população negra, o cenário permanece predominantemente embranquecido (FREDRICH et al., 2022, p. e210677). Com algumas exceções, também continua o mesmo quando nos referimos ao corpo docente.

Isso nos alerta para um ambiente acadêmico bastante excludente, homogêneo que não estimula a permanência e a continuidade após a formação. No que se refere ao campo da saúde, pessoas negras têm sido relegadas a postos de trabalho subalternizados. Além disso, recentemente vemos um volume de publicações com temáticas pertinentes à saúde da população negra e vemos pesquisadores negros tendo o destaque necessário, ainda que aquém de suas produções extensas (SOUSA e colab., 2021, p. 13; SOUZA, 2025), graças aos muitos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs).

Apesar disso, os/as professores/as negros/as ainda são minoria nas entidades de classe que representam docentes e pesquisadores em Anatomia Humana. Essa sub-representação não passa despercebida pela Associação Americana de Anatomia. Em mais de 100 anos de existência, membros negros são registrados tardiamente e só recentemente esta entidade foi presidida por anatomistas negros (SUMNER e colab., 2022, p. 772). No Brasil, ainda não temos um estudo que comprove o que empiricamente é observado. O que vemos é o mesmo apagamento que muitas vezes ocorre com figuras negras médicas de destaque, como por exemplo Juliano Moreira, na psiquiatria (ODA &



DALGALARRONDO, 2000, p. 178). A ausência de anatomistas negros é flagrante, e isso se reflete na também ausente discussão sobre uma atualização de currículos e ementas anatômicas para inclusão de assuntos atuais, como a diversidade humana.

Representatividade importa em todos os contextos sociais, e na formação médica tem grande significado. Nos órgãos de classe e postos de destaque acadêmico, a presença de pessoas negras pode promover mudanças não apenas dentro dos muros universitários, mas também no olhar sobre o paciente negro nos consultórios médicos (CABRAL e colab., 2022, p. e133; FREIRE e colab., 2024, p. e4039), promovendo saúde para o coletivo, efetivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem determina quem estuda e quem é estudado nos laboratórios de Anatomia Humana? Certamente os mesmo que se colocam no centro e no topo da pirâmide social. Certamente os mesmo que nos dizem de nossa suposta inferioridade e incapacidade intelectual.

Em “A crítica da razão negra”, Achille Mbembe (2018) nos fala sobre a coisificação de corpos negros, num *apartheid* social. Na educação superior, as novas políticas ainda não enfrentam de forma eficaz as vulnerabilidades da população negra, seja na abordagem de temáticas raciais, seja no combate ao racismo e desigualdades (HUNING, SILVA & BRAGA NETTO, 2021, p. 110). Essa inércia, afeta políticas de saúde, que ainda refletem um pensamento colonizado, onde não nos vemos e não nos reconhecemos. O diálogo entre biopoder e necropoder, entre Foucault e Mbembe que encontramos em Kelvin Prado (2023) é o entendimento possível para esse cenário no ensino de Anatomia Humana, onde se determina que quem morre e é estudado, não é o mesmo que estuda e produz conhecimento e saber. Fazer morrer, como diz Foucault, seja metaforicamente - ocultando os saberes Africanos - ou



literalmente (no estudo em cadáveres negros) na base anatômica que forma médicos pelo Brasil, irá se refletir nas negligências em saúde para a população negra (MUNIZ, 2019, p.28).

Esta autora, como anatomista e mulher negra, se viu reproduzindo esta história única, como bem discorre Chimamanda Adichie (ADICHIE, 2019) - contada em sua formação eurocentrada, do final do século XX - e dando continuidade à essa formação paradigmática, sem questionar. Isto só nos diz de um processo de apagamento histórico bem-sucedido (LOTIERZO & SCHWARCZ, 2013), um branqueamento social planejado.

A lei de cotas veio trazer mudanças, ainda que incipientes, bastante significativas no ambiente universitário. Dos estudantes que ingressam na universidade, os que conseguem finalizar sua formação, se vêm esgotados psicologicamente, seja pelo currículo oculto, o isolamento social e ainda o racismo institucional. Este cenário não estimula a continuidade da carreira acadêmica, sendo reforçado pela falta de professoras(es) negras(os). Logo, se defende a ampliação das cotas para a pós-graduação, como promotor da presença mais frequente de professores negros, levantando questões que antes não pareciam pertinentes, pelo olhar homogêneo da branquitude (SOUZA e colab., 2021, p. 13).

Aqui também cabe salientar que os coletivos negros têm sido importantes referências para a permanência de estudantes negros nos cursos de medicina (GUIMARÃES e colab., 2020, p. 309; PAULINO ROSA, 2022; ROSA & FACCHINI, 2022, p. e2830404), dada a vivência do currículo oculto - que estabelece como norma o ideal branco de beleza e padrão anatômico a ser alcançado- e outras violências cotidianas nos corredores universitários (ROSA; FACCHINI, 2022, p. e2830404).

Mas é preciso mais que a Lei de Cotas (SENKEVICS & MELLO, 2019, p. 184; TREVISOL & NIEROTKA, 2015) e o “aquilombamento” dos coletivos negros (GUIMARÃES e colab., 2020, p. 309) para trazer a formação médica mais



próxima da clínica e das discussões do século XXI, sobre inclusão e diversidade. É necessário repensar o currículo em sua essência começando pelas ementas das disciplinas básicas, como Anatomia Humana (BASTOS & BRITO, 2024; MEDEIROS e colab., 2013, p. 247; MIAZAKI e colab., 2011, p. 5).

O que estamos ensinando é mesmo o que deveríamos estar ensinando? É necessária a formação permanente dos professores e coordenadores de curso de medicina sobre letramento racial, para extirpar do currículo oculto o espelhamento do racismo, que reproduz nas entre linhas os paradigmas sociais (CABRAL e colab., 2022, p. e133; VEREDIANO, 2024).

Quão diverso e inclusivo é o corpo docente e o material didático no ensino de anatomia para medicina? Sejam os corpos de pessoas negras (SILVA, 2021), modelos virtuais em 3D (EROĞLU e colab., 2023, p. 962; LIBORIO NETO e colab., 2023), ou os bonecos de simulação usados para aulas práticas (BASTOS & BRITO, 2024), em todos eles temos implícito, quais corpos queremos como modelo de “normalidade”, e quem é apenas um “objeto descartável” ou um ser que precisa ser “corrigido”.

Autores têm sugerido mudanças no ensino de anatomia com as quais as autoras deste ensaio concordam plenamente (EKANAYAKE-WEBER, 2024, p. 26). Embora a Anatomia Humana, enquanto disciplina básica do curso de medicina, já venha passando por muitas adequações ao longo do século XXI, para se adaptar às novas tecnologias empregadas no ensino superior, e novas dinâmicas de interação entre professores e estudantes. Mas se faz necessário que o viés histórico da anatomia ensinada fale sobre a influência africana no conhecimento anatômico, além do incentivo de cotas para docentes negros nos cursos de medicina, considerando a importância da representatividade.

Reafirmamos ainda, a necessidade de atualização do ensino de Anatomia Humana para medicina, repensando o uso de cadáveres de pessoas negras, ensinando baseando-se na diversidade de corpos humanos e promovendo a representatividade de pessoas negras no ambiente acadêmico,



sob pena de permanecer perdida no XX, utilizando a figura do Homem Universal com padrão, em uma sociedade evidentemente diversa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. *Companhia das Letras*: 2019.

AGBETOBA, Abib et al. Educational utility of advanced three-dimensional virtual imaging in evaluating the anatomical configuration of the frontal recess. *International Forum of Allergy & Rhinology*, v. 7, n. 2, p. 143–148, Fev 2017.

ALMEIDA FILHO, Naomar. Nunca fomos Flexnerianos: Anísio Teixeira e a educação superior em saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 30, n. 12, p. 2531–2543, Dez 2014.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. *Feminismos plurais*. Pólen. p. 264, 2019.

ALMEIDA, Pedro Henrique Ribeiro De e colab. Desafios do ensino da anatomia humana em faculdades de Medicina: uma revisão narrativa de literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7, p. e0311729216, 13 Mai 2022.

ARBEX, Daniela. Holocausto brasileiro. *Geração Editorial*, 2021.

ANDRADE, Mauro F. Carvalho et al. Avaliação discente é importante ferramenta no aperfeiçoamento dos cursos de anatomia clínica. *Revista de Medicina*, v. 92, n. 4, p. 218, 21 Dez 2013.

ARRUDA, Daniel Péricles. Dimensões subjetivas do racismo estrutural. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 13, n. 35, p. 493-520, 2021.

BASTOS, Raquel Littério De; BRITO, Eduardo Neves Rocha De. *Corpos educando corpos: Modulações do self na corporeidade da formação médica*. São Paulo, SP: Editora Liberars, 2024.

BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, n. suppl 1, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2017001300302&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 4 dez 2025.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. *Companhia das Letras*. 2021



BERESHEIM, Amy et al. Anatomy's missing faces: An assessment of representation gaps in atlas and textbook imagery. *Anatomical Sciences Education*, v. 17, n. 5, p. 1055–1070, Jul 2024.

BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. *Extraprensa*, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

BLAKE, C Richard; LAI, Wico W; EDWARD, Deepak P. Racial and Ethnic Differences in Ocular Anatomy. *Int Ophthalmol Clin* ., v. 43, n. 4, p. 9–25, 2003: <https://www.blackinanatomy.org/> acessado em 23/07/2026

BORRET, Rita Helena et al. “A sua consulta tem cor?” Incorporando o debate racial na Medicina de Família e Comunidade: um relato de experiência. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 15, n. 42, p. 2255, 18 Nov 2020.

BREASTED, James Henry. The Edwin Smith Surgical Papyrus. *The University of Chicago Oriental Institute Publications*, v. 3, 1930.

BUELLER, Hope. Ideal Facial Relationships and Goals. *Facial Plastic Surgery*, v. 34, n. 05, p. 458–465, Out 2018.

CABRAL, Mariana Pompílio Gomes et al. Educação médica, raça e saúde: o que falta para a construção de um projeto pedagógico antirracista? *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 4, p. e133, 2022.

CALÁBRIA, Kenia. *Estudo morfométrico dos crânios do acervo do laboratório de anatomia humana da Universidade Federal de Uberlândia*. Tese (doutorado) em Ciências Veterinárias. Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/29508>>. Acesso em: 12 dez 2025.

CINTRA, Raquel Barbosa. Desafios do ensino da Anatomia Humana em Faculdades de Medicina. *Revista Científica UMC*. v. 2, n. 1, 2017.

CLOSS, Jose Guilherme Veras; MIGLINO, Maria Angelica; LIBERTI, Edson Aparecido. Do Zero a Bovero: História e ativação dos arquivos referentes à Escola boveriana de Anatomia. *Khronos*, n. 10, p. 216–253, 30 Dez 2020.

COOKE, Molly et al. American Medical Education 100 Years after the Flexner Report. *New England Journal of Medicine*, v. 355, n. 13, p. 1339–1344, 28 Set 2006.



CORREA, Sílvio Marcus De Souza. História da medicina: racismo, feminismo e colonialismo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 29, n. 1, p. 295–297, Mar 2022.

COSTA, Júlia Moraes Rodrigues et al. O uso de biomodelos 3D comparado aos métodos tradicionais no ensino de anatomia para estudantes de medicina. *Proceedings of the 2nd International Digital Congress on 3D Biofabrication and Bioprinting (3DBB) - Biofabrication, Bioprinting, Additive Manufacturing applied to health*. 1. ed. [S.l.]: Editora Realize, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/edicao/detalhes/e-book-ii-3dbb>>. Acesso em: 4 dez 2025.

CUNHA, Lázaro. Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal. *Secretaria de Educação do Município de Salvador*, 2010.

DA-SILVA, Adriano Ferreira; MASSARI, Catia Helena de Almeida Lima; LIBERTI, Edson Aparecido. Human Anatomy in Cinema. *International Journal of Morphology*, v. 41, n. 5, p. 1421–1426, Out 2023.

DANGELO, Jose Geraldo; FATTINI, Carlos Américo. Anatomia Básica dos Sistemas Orgânicos. *Atheneu*- 3ª ed., 2007

DE CARVALHO, Leonardo Dallacqua. Cesare Lombroso e Raimundo Nina Rodrigues entre as ciências do século XIX: o estudo do negro como criminoso. *Chaos e Kosmos*, v. 15, 2014.

DI FABIO, Raquel; ISQUERDO, Aparecida Negri. Verbetes raça, etnia e etnicidade em diferentes edições de dois dicionários de língua portuguesa: a questão da definição. *Revista GTLex*, v. 7, p. e0706, 23 Mai 2022.

DIREITOSHUMANOS.UNICAMP. Homenagem aos cadáveres negros do laboratório de anatomia: Um ato antirracista e de resistência. *Direitos Humanos*, 2022. Em: <https://www.direitoshumanos.unicamp.br/noticias/2022/04/11/homenagem-aos-cadaveres-negros-do-laboratorio-de-anatomia-um-ato-antirracista-e-de-resistencia/>

EKANAYAKE-WEBER, Marcy. Towards Teaching a Humanistic Anatomy: Confronting Racism in Human Anatomy Courses. *Teaching Anthropology*, v. 13, n. 1, p. 26–38, 11 Jun 2024.



EROĞLU, Fatma Sila et al. Effectiveness of using 2D atlas and 3D PDF as a teaching tool in anatomy lectures in initial learners: a randomized controlled trial in a medical school. *BMC Medical Education*, v. 23, n. 1, p. 962, 15 Dez 2023.

FELISBINO, John Kenedy Rodrigues Pereira; CARVALHO SOUZA, Rafael Aparecido. Processo de mumificação em Kemet: princípios químicos para a educação para a Relações Étnico-Raciais. In: CIENTÍFICA DIGITAL, E. (Org.). *Open Science Research XII*. 1. ed. [S.l.]: Editora Científica Digital, 2023. v. 12. p. 536–549. Disponível em: <<http://www.editoracientifica.com.br/articles/code/230713858>>. Acesso em: 19 fev 2026.

FLEXNER, Abraham. The Flexner Report on Medical Education. *The Indian Medical Gazette*, Mai 1913.

FREDRICH, Vanessa Cristine Ribeiro et al. Percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, p. e210677, 2022.

FREIRE, Amanda Santos Alves et al. Tendências e desafios na representação da população negra nos cursos de medicina: construindo um currículo negro. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 4, p. e4039, 25 Abr 2024.

GORDON, Dan. This human anatomy atlas has a horrific history. One doctor aims to lessen its influence. *UCLA Health*, Fev 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio; RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. *Novos Estudos - CEBRAP*, v. 39, n. 2, p. 309–327, Ago 2020.

HILDEBRANDT, S. Anatomy in the Third Reich: An outline, part 1. National Socialist politics, anatomical institutions, and anatomists. *Clinical Anatomy*, v. 22, n. 8, p. 883–893, Nov 2009a.

HILDEBRANDT, S. Anatomy in the Third Reich: An outline, part 2. Bodies for anatomy and related medical disciplines. *Clinical Anatomy*, v. 22, n. 8, p. 894–905, Nov 2009b.

HILDEBRANDT, S. Anatomy in the Third Reich: an outline, part 3. The science and ethics of anatomy in National Socialist Germany and postwar consequences. *Clinical Anatomy*, v. 22, n. 8, p. 906–915, Nov 2009c.



HILDEBRANDT, Sabine. Anatomy in the Third Reich: Careers disrupted by National Socialist Policies. *Annals of Anatomy - Anatomischer Anzeiger*, v. 194, n. 3, p. 251–266, Jun 2012.

HUNING, Simone Maria; SILVA, Aline Kelly; BRAGA NETTO, Tathina Lúcio. Vulnerabilidade da população negra e políticas educacionais no Brasil. *Cadernos CEDES*, v. 41, n. 114, p. 110-119, 2021

JAMES, George G. M. O legado roubado. *Biblioteca Filosófica*. Nova York, 1954.

JARRIN, Álvaro Esteban. Os novos arquitetos da miscigenação: o legado eugênico na cirurgia plástica brasileira. *Revista Magistro*, v. 1, n. 1, p. 64-74, 2011.

KANASHIRO, Elise. O que a medicina ensina quando não ensina medicina: currículo oculto e formação moral. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 50, n. 1, 2026.

KOCH, Roland et al. A post-Flexner comparative case study of medical training responses to health system needs in Brazil and Germany. *BMJ Global Health*, v. 7, n. 3, p. e008369, Mar 2022.

KOENTGES, Georgy. Evolution of anatomy and gene control. *Nature*, v. 451, n. 7179, p. 658–663, Fev 2008.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. *Os poderes dos corpos frios – das coisas que se ensinam às enfermeiras*. Tese (doutorado) em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2003.

LANGER-GOULD, Annette. Racial and Ethnic Disease Phenotype Differences Are Driven by Genetics: No. *Multiple Sclerosis Journal*, v. 30, n. 5_suppl, p. 9–11, Dez 2024.

LIBORIO NETO, Adail Orrith et al. Uso de Máquinas 3D e Cortadores a Laser em Simulação Aplicada à Educação Médica. *Clinical & Biomedical Research*, 6 Jan 2023. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/121925/87697>>. Acesso em: 4 dez 2025.

LIMA, Silvio Cezar de Souza; KURY, Lorelai brilhante. *O corpo escravo como objeto das práticas médicas no Rio de Janeiro (1830-1850)*. Tese (doutorado) em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Saúde. Rio de Janeiro, RJ, 2011.



LOTIERZO, Tatiana H. P.; SCHWARCZ, Lilia K. M. Raça, gênero e projeto branqueador: “a redenção de Cam”, de modesto brocos. *Artelogie*, v. 5, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/artelogie/5242>>. Acesso em: 4 dez 2025.

LOUIE, Patricia; WILKES, Rima. Representations of race and skin tone in medical textbook imagery. *Social Science & Medicine*, v. 202, p. 38–42, Abr 2018.

MAIO, Marcos C. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 11, n. 2, p. 226–237, Jun 1995.

MARTINS-COSTA, Camila; NUNES, Thauane Carvalho; ANJOS-RAMOS, Luana Dos. Anatomico-comparative study of formaldehyde, alcohol, and saturated salt solution as fixatives in Wistar rat brains. *Anatomia, Histologia, Embryologia*, v. 51, n. 6, p. 740–745, Nov 2022.

MATOS, Camila Carvalho De Souza Amorim; TOURINHO, Francis Solange Vieira. Saúde da População Negra: como nascem, vivem e morrem os indivíduos pretos e pardos em Florianópolis (SC). *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 13, n. 40, p. 1–13, 14 Jul 2018.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira. Dos corpos como objeto: uma leitura pós-colonial do ‘Holocausto Brasileiro’. *Saúde em Debate*, v. 45, n. 128, p. 164–177, Mar 2021.

MATTAR, Joao; AGUIAR, Andréa Pisan Soares. Metodologias ativas: aprendizagem baseada em problemas, problematização e método do caso. *Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade*, v. 11, n. 3, p. 404, 1 Nov 2018.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo, *Antígona*, 2018

MEDEIROS, Arc e colab. Dissecção e Capacitação de Habilidades e Competências Gerais na Formação Médica. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 17, n. 3, p. 247–252, 30 Out 2013.

MELO, Elizabeth Neves De; PINHEIRO, José Thadeu. Procedimentos legais e protocolos para utilização de cadáveres no ensino de anatomia em Pernambuco. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 2, p. 315–323, Jun 2010.

MERELLI, Annalisa. Medical illustrations neglect people with dark skin. A Nigerian doctor-to-be is working to change that. *STAT*, Ago 2023.



MIAZAKI, Aline Paterno e colab. Interface: monitoria de Anatomia e formação médica. *Perspectivas Médicas*, v. 22, n. 2, p. 5–5, 22 Nov 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria 971/2006.

MOKHTAR, Gamal. História Geral da África II. A África antiga. *UNESCO*, 2010.

MONTEIRO, Filipe Pinto. O “racialista vacilante”: Nina Rodrigues e seus estudos sobre antropologia cultural e psicologia das multidões (1880-1906). *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 21, n. 43, p. 193–215, Abr 2020.

MUNIZ, T. P. Controvérsias e desafios metodológicos e políticos da classificação racial na biomedicina. *Revista Ñanduty*, v. 7, n. 10, p. 28-49, 2019. <https://doi.org/10.30612/nty.v7i10.10296>

NOVA, João Luiz Leocádio; FILHO, José Joffily Bezerra; BASTOS, Liana Albernaz de Melo. Lição de Anatomia. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 4, n. 6, 2000

NUNES, Fernanda Bordignon; GONÇALVES, Pablo Castro. A importância da craniometria na criminalística: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Criminalística*, v. 3, n. 1, p. 36–43, 1 Ago 2014.

OCEL, Joseph J. et al. Outcomes of the gross and developmental anatomy teaching assistant experience. *Clinical Anatomy*, v. 16, n. 6, p. 526–530, Nov 2003.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 22, n. 4, p. 178–179, Dez 2000.

OLIVEIRA DO PRADO, K. Biopolítica, necropolítica e psicopolítica, uma interlocução entre conceitos. *FDC*. v. 9, p. 248-275, 2023.

ORTOLANI, Marina; DINARDI, Nicole; MARIA, Filomena. *A inclusão da mulher negra no mercado de trabalho no Brasil*. Trabalho de Graduação (Curso Superior em Tecnologia em Gestão Empresarial) – Faculdade de Tecnologia de Piracicaba "Deputado Roque Trevisan", Piracicaba, 2021.

PAGLIOSA, Fernando Luiz; DA ROS, Marco Aurélio. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 32, n. 4, p. 492–499, Dez 2008.



PATEL, Priyesh N.; MOST, Sam P. Concepts of Facial Aesthetics When Considering Ethnic Rhinoplasty. *Otolaryngologic Clinics of North America*, v. 53, n. 2, p. 195–208, Abril 2020.

PAULINO ROSA, William. “Aquilombar é o que dá força”: redes de afeto, de fazer político e de produção de conhecimento em um coletivo negro de universitários de Medicina. 2022. Dissertação (Mestrado) em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=590919>>. Acesso em: 12 dez de 2025.

PEREIRA, Carlos Alexandre Rodrigues. Sistemas tradicionais africanos de medicina e seu legado à cultura brasileira. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 6, n. 14, p. 254–275, 27 Set 2023.

PONTINHA, Carlos Marques; SOEIRO, Cristina. A dissecação como ferramenta pedagógica no ensino da Anatomia em Portugal. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, n. 48, p. 165–176, 2014.

PRADO, Kelvin Oliveira do. Biopolítica, necropolítica e psicopolítica: uma interlocução entre conceitos. *Revista Faces de Klio*, v. 9, n. 17, 2023.

REIS, Eduardo José Farias Borges Dos. História da Medicina v. 1: contextos e interseções da Faculdade Primaz do Brasil. Salvador, BA: *Edufba*, 2022.

RIBEIRO, Gabriel. Relações étnico-raciais no ensino de Anatomia Humana: uma experiência em construção. *Revista docência do ensino superior*. v. 12, 2022.

RODRIGUES, Isilda Teixeira; FIOLEAIS, Carlos. O ensino da medicina na Universidade de Coimbra no século XVI. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, n. 2, p. 435–456, Jun 2013.

ROMO, Thomas; ABRAHAM, Manoj. The Ethnic Nose. *Facial Plastic Surgery*, v. 19, n. 3, p. 269-278, 2003.

ROSA, William; FACCHINI, Regina. “Você é um dos reprovados?”: cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina. *Mana*, v. 28, n. 3, p. e2830404, 2022.

RUSHTON, J.Philippe. Race, intelligence, and the brain: The errors and omissions of the ‘revised’ edition of S. J. Gould’s the mismeasure of man. *Personality and Individual Differences*, v. 23, n. 1, p. 169–180, Jul 1997.



SANDS, Noah; ADAMSON, Peter. Global Facial Beauty: Approaching a Unified Aesthetic Ideal. *Facial Plastic Surgery*, v. 30, n. 02, p. 093–100, 8 Mai 2014.

SANTOS, Diego Junior Da Silva e colab. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. *Dental Press Journal of Orthodontics*, v. 15, n. 3, p. 121–124, Jun 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 20, p. 137–152, Abr 1994.

SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. O perfil discente das universidades federais mudou pós-lei de cotas? *Cadernos de Pesquisa*, v. 49, n. 172, p. 184–208, Jun 2019.

SILVA, Amaranta Vasconcelos. Corpos negros, avanços na medicina e acesso à saúde: o que a arte tem a nos ensinar. *Anais do IX CIDIL- Narrativas de um direito curvo: Homenagem a Calvo Gonzáles*, 2021.

SILVA, Felipe Bernardo; SILVA, Ana Claudia Rodrigues. Tornar-se médico(a) negro(a): currículos e racismo na formação médica. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade-RELACult*, v. 10, n. 2, 2024a.

SILVA, Letícia Batista; CAMPOS, Daniel de Souza; ARAÚJO, Marcos Vinícius Ribeiro; REIS, Regimarina Soares. “Mesmo que a gente seja a mão que cuida”: médicas negras e racismo estrutural no contexto da atenção primária à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 3, 2024b.

SILVÉRIO, Florença Freitas; MOTOKANE, Marcelo Tadeu. O corpo humano e o negro em livros didáticos de biologia. *Revista Contexto & Educação*, v. 34, n. 108, p. 26–41, 28 Jun 2019.

SOUSA, Ana Lucia Nunes De et al. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre o racismo estrutural e a feminização do cuidado. *Saúde em Debate*, v. 45, n. spe1, p. 13–26, Out 2021.

SOUZA, Leticia Gomes De. *Panorama da produção científica sobre racismo nos cursos de graduação em medicina: uma revisão crítica da literatura*. Dissertação (Mestrado) em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Salvador-BA, 2025.

SOUZA, Pedro Gomes Almeida De e colab. Perfil Socioeconômico e Racial de Estudantes de Medicina em uma Universidade Pública do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, n. 3, p. e090, 2020.



SOUZA, Vitor Hugo Enumo; SOARES, Tânia Regina dos Santos. Distinção sexual e étnico-racial por meio da craniometria: avaliação dos crânios de um acervo de Maringá-PR. *Arquivos do MUDI*, v. 23, n. 1, p. 82-95, 2019

SUMNER, Dale R. e colab. Racism, structural racism, and the American Association for Anatomy: Initial report from a task force. *The Anatomical Record*, v. 305, n. 4, p. 772–787, Abr 2022.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini; BERTOLLI FILHO, Cláudio. A anatomia e o ensino de anatomia no Brasil: a escola boveriana. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 21, n. 4, p. 1301–1322, Dez 2014.

TEMPESTA, Giovana Acacia; ENEILE, Morgana. Racismo obstétrico: a política racial da gravidez, do parto e do nascimento. *Amazônica - Revista de Antropologia*, v. 12, n. 2, p. 751, 1 Fev 2021.

THOMAS, Stephen B; QUINN, Sandra Crouse. Public Health Then and Now The Tuskegee Syphilis Study, 1932 to 1972: Implications for HIV Education and AIDS Risk Education Programs in the Black Community. *American Journal of Public Health*, v. 81, n. 11, p. 1498-505, 1991.

TOLEDANO, Raphael. Anatomy in the Third Reich – The Anatomical Institute of the Reichsuniversität Strassburg and the deliveries of dead bodies. *Annals of Anatomy - Anatomischer Anzeiger*, v. 205, p. 128–144, Mai 2016.

TREVISOL, Joviles Vitório; NIEROTKA, Rosileia Lucia. “Lei das cotas” e as políticas de democratização do acesso ao ensino superior público brasileiro. *Quaestio-Revista de estudos em Educação*, v. 17, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2406>.

VAN DE GRAAFF, Kent M. Anatomia Humana. *Manole*, 6ª ed., 2003.

VEREDIANO, Maria Gabriela. O primeiro passo do letramento racial, 2024.

WEEKS, David M.; THOMAS, J. Regan. Beauty in a Multicultural World. *Facial Plastic Surgery Clinics of North America*, v. 22, n. 3, p. 337–341, Ago. 2014.

WICKBOLD, Christiane Curvelo; SIQUEIRA, Vera. Política de cotas, currículo e a construção identitária de alunos de Medicina de uma universidade pública. *Pro-Posições*, v. 29, n. 1, p. 83-105, 2018.

Recebido em: 10/03/2026

Aprovado em: 19/08/2026